



Na morte de Peter von Bagh

Que sentido haverá no facto de ser o último dos loucos que escreve à exaustão sobre todos os filmes – dos quais obviamente só consigo ver um deplorável punhado. Este esforço eleva-se a um pacto Faustiano, e inevitavelmente significa também uma vida perdida, ou uma vida não realmente vivida. Como mistério, porém, poderá ser comparável à imaginária viagem de Mika Waltari * – uma história fantasma, talvez por vezes uma história verdadeira, do “século do cinema”, algumas intimações de um outro mundo escondido – e, num nível pessoal, uma magnífica obsessão que só Poe – no seu conto “O Retrato Oval” – é capaz de exprimir de forma apropriada: “Isto é na verdade a própria Vida!”

* escritor finlandês, autor de *O Egípcio* (1945)

P. v. B. (“Sing me a nice, sad song about kissing and killing”,
In *The Lumière Project – The European film archives at the crossroads*,
Lisboa, 1996)

Não queria, de modo nenhum, ver a Cinemateca transformar-se num serviço nesta “Danse des Morts” em torno de filmes antigos. Em vez disso, com todas as nossas forças, transformemos antes essa dança num festival de vida.

P. v. B. (Lisboa, intervenção no Congresso FIAF, 1989)

Na morte de Peter von Bagh, só me ocorre dizer que morreu o melhor de todos nós. Não estando de há muito directamente integrado numa cinemateca (desde que abandonou os cargos na Cinemateca Finlandesa, que dirigiu de 1967 a 1970 e cuja programação orientou até 1984) nunca deixou de ser um homem das cinematecas, que habitava como a sua casa – o mais próximo, o mais entusiasta, o mais conhecedor, o mais caloroso e o mais generoso de todos os nossos colaboradores e apoiantes. O Peter foi um gigantesco

historiador de cinema (cerca de quarenta livros publicados), um dos mais importantes realizadores de “filmes de arquivo” (mais de cinquenta títulos, para cinema e televisão, dentre os quais muitas obras primas), o director da revista *Filmhullu* (*Film crazy*, que fundou em 1968), o responsável e animador permanente do Midnight Sun Film Festival, em Sodankyla (que lançou com os irmãos Kaurismaki em 1986), ou, desde 2001, o co-director do “Il Cinema Ritrovato”, em Bolonha. Mas foi sobretudo, em tudo isso e por trás de tudo isso, como ele próprio escrevia, “the last madman”, alguém que tinha trocado a vida pelo cinema até ao ponto limite em que o cinema se transformara na própria, verdadeira, exaltação da vida.

Peter von Bagh esteve muitas vezes na nossa Cinemateca, a última das quais para apresentar a conferência “Souvenir d’un avenir – a cinemateca no centro do nosso universo cinematográfico”, aqui proferida em Janeiro de 2011. Vinte e dois anos antes, em 1989, começara por participar, como um dos oradores convidados, no simpósio “Redescobrir o papel das Cinematecas: preservar e mostrar”, integrado no Congresso da FIAF (Federação Internacional dos Arquivos de Filmes). Entre as duas datas apresentou na nossa sala três “cartas brancas”, respectivamente em 1990, 2003 e 2005, a última das quais em parceria com Aki Kaurismaki (“Chegaram os nossos mestres”). Veio também ensinar, ou simplesmente debater, no âmbito do curso europeu ARCHIMEDIA (em 1998 e 2000)” e veio ainda outras vezes, não saberia dizer quantas, para outros encontros, conversas ou...visões (PvB nunca perdia a ocasião de (re)descobrir um filme, fazendo todas as possíveis acrobacias de agenda para conseguir encaixar um visionamento – como aconteceu, por exemplo, naquele dia em que, em plena conferência colectiva do ARCHIMEDIA a decorrer nas instalações do ANIM, se escapuliu para visionar a nossa cópia do “King and Four Queens” de Walsh, que preferiu a qualquer pausa ou ao almoço).

Como todos os mestres genuínos, construía qualquer intervenção a partir do puro entusiasmo e como se só o cinema, nunca ele próprio, tivesse importância. Ensinava como se estivesse a aprender, e, com os anos, à medida em que desenvolvia ideias sobre o século do cinema, convertera-se num filósofo sobre o século “tout court”. Tinha um humor único, mas era pungente na modéstia e generosidade, porque no seu caso *se tratava* de modéstia e de generosidade.

Na sua presença, todos os filmes, todos os realizadores, todo o cinema, eram, ou tornavam-se sempre ainda maiores.

José Manuel Costa



PETER VON BAGH, JOÃO BÉNARD DA COSTA E AKI KAURISMAKI,
SALA M. FÉLIX RIBEIRO, FEVEREIRO 2005 - (“CHEGARAM OS NOSSOS MESTRES”)